



NOTAS PARA A HISTÓRIA DA MEDICINA NO BRASIL

Hitoshi NOMURA

Com a vinda dos escravos no século XVI foi diagnosticada a gangrena do reto, também conhecida como mal-de-bicho e corrução. Esse mal foi descrito pelo cronista Gabriel Soares de Souza em 1587, no *Tratado Descritivo do Brasil em 1587*, mas esta obra permaneceu inédita até o século XIX. Aleixo de Abreu menciona esse mal em sua obra **Tratado de las siete enfermedades** (Lisboa, 1623). Mais tarde Miguel Dias Pimenta tratou do assunto em seu livro *Notícias do que é o achaque do bicho* (Lisboa, 1707).

Como primeiro livro da literatura médica brasileira figura o de Simão Pinheiro Morão (1618-1685), que o assinou com o anagrama Romão Mosia Reinhipo – *Tratado Único das Bexigas e Sarampo* (Lisboa, 1683).

As observações médicas durante a ocupação holandesa do nordeste foram feitas por Wilhelm Piso (1648), no século XVII. Ele viveu no Recife, durante a ocupação holandesa, de 1637 a 1644, tendo escrito a *De Medicina Brasiliensis* a primeira parte do livro de Jorge Maregraf – *Historia Naturalis Brasiliae*.

Francisco de Melo Franco (1757–1823) estudou as febres, que eram consideradas como doenças. Ele é o autor do livro *Ensaio sobre as febres*, publicado em Lisboa em 1829, após o seu falecimento.

João Vicente Torres Homem se preocupou com as febres e publicou o livro *Estudo clínico sobre as febres do Rio de Janeiro* em 1877.

A lepra surgiu no Brasil no século XVIII e foi mencionada pelo médico francês Joseph Francis Xavier Sigaud (1796 – 1856) no livro **Du climat et des maladies du Brésil**, publicado em Paris em 1844.

O médico polonês Pedro Luiz Napoleão Chernoviz (1812 – 1881), que estudou na Faculdade de Medicina de Montpellier, França, viveu alguns anos no Rio de Janeiro e publicou o *Dicionário de Medicina Popular* em dois volumes surgidos em 1841 – 1843, que teve 19 edições até o século XX (1920), que tinha o título de *Formulário e Guia Médico*. A 20ª edição foi publicada em 1996 pela Editora Itatiaia, Belo Horizonte, MG, em edição fac-similar da de 1920 (volume 1: 1-728, figs. 1-263; volume 2: 729-1475, figs. 264-424), com o título de *A Grande Farmacopéia Brasileira – Formulário e Guia Médico*. Essa obra era muito conhecida nos séculos XIX e inícios do XX e sempre consultada pelas pessoas esclarecidas e tratava da medicina caseira. A versão em espanhol foi difundida no México, Chile e Peru.

Obra muito conhecida no século XIX era a do médico dinamarquês João Henrique Teodoro Langaard (1823-1883), intitulada *Dicionário de Medicina Popular e Doméstica* (Rio de Janeiro, 1865, 3 volumes – com 2ª edição em outra data), médico que estudou na Universidade de Copenhague e veio para o Brasil em 1842, tendo morado nas cidades paulistas de Ipanema, Sorocaba e Campinas e, em 1870, no Rio de Janeiro. Essa publicação foi omitida por Santos Filho, mas citada por Nava.

Escreve Nava (p. 207): O fato da popularidade de Chernoviz ter sido muito maior do que a de Langaard não quer dizer que o dicionário daquele fosse superior ao deste. São obras que se equivalem quanto à qualidade das informações e quanto ao grande valor educativo possuído por todas as duas. Uma e outra são um magnífico documentário posto ao alcance de qualquer indivíduo e onde se acha esclarecimento exato de que o leigo pode necessitar sobre as moléstias internas e externas, a terapêutica clínica e cirúrgica, a prenhez e o parto, as doenças da criança e as particularidades do recém-nascido, sobre os síndromos urgentes, a anatomia, a fisiologia e a farmácia. E o que faz do Chernoviz e do Langaard dois tratados preciosos e utilíssimos até hoje; um conteúdo

abundantíssimo de conhecimentos de botânica e de matéria médica brasileiras”.

As informações supra estão contidas no livro do médico e memorialista Pedro Nava (1903-1984) – *Capítulos da História da Medicina no Brasil* (Ateliê Editorial, Editora da Universidade de Londrina e Oficina do Livro, São Paulo, 245 pp., 2003) – e-mail: atelie_editorial@uol.com.br – R\$ 35,00), reunião de artigos publicados na revista *Brasil Médico e Cirúrgico*, 10(4, 5, 8, 10, 11 – 1948) e 11(1) – 1949).

Nava trata do ciclo da influência portuguesa na medicina do Brasil, apontamentos para a história das instituições ligadas ao exercício e ao ensino médico na cidade do Rio de Janeiro, estudo da história das doenças epidêmicas no Brasil, a medicina científica e da experimentação no Brasil, charlatães, médicos, cirurgiões, cientistas, hospitais e academias do Brasil Colonial e introdução ao estudo da história da medicina popular no Brasil. Cada capítulo é acompanhado da bibliografia mais pormenorizada possível.

Em vários trabalhos Lycurgo de Castro Santos Filho tratou do mesmo assunto: 1947 – *História da Medicina no Brasil (Do século XVI ao século XIX)* – Editora Brasiliense, São Paulo, vol. 1: 1-379 pp.; volume 2: 1-429; 1977 – **História Geral da Medicina Brasileira**. Hucitec e Editora da Universidade de São Paulo; São Paulo, volume 1: 1-436 pp.; 1966 – **Pequena História da Medicina Brasileira**. DESA e Editora da Universidade de São Paulo, SP, 150 pp.; 1979 – **A Medicina no Brasil** (pp. 191-217) – *apud*: M. G. Ferri e S. Motoyama (Coord.) – *História das Ciências no Brasil*. E. P. U. e Editora da Universidade de São Paulo, vol. 1: XII + 390 pp. Deve-se notar que o primeiro livro de Lycurgo apareceu um ano antes dos primeiros artigos de Nava (1948).

A obra de Pedro Nava, segundo Motoyama (**O Desenvolvimento da História da Ciência no Brasil**, p. 400, vol. 2 da **História das Ciências no Brasil**) faz “crítica à orientação historiográfica do tipo narrativo e cronológico, propugnando por uma História Médica encarada como História das Idéias.”

Vale a pena ler o livro de Nava, que não deve faltar na estante do interessado no desenvolvimento das ciências no Brasil.

